

1

— O crime perfeito é coisa que não existe — disse Tom a Reeves.
— Tentar imaginar um não passa dum jogo de salão. Claro que podes sempre dizer que há uma quantidade de homicídios que nunca foram resolvidos. Mas isso é diferente. — Tom sentia-se maçado. Andava para trás e para diante à frente da lareira grande, onde crepitava um fogo fraco mas acolhedor. Tom sentia que falara de uma maneira desagradável, dogmática. Mas o facto é que não podia ajudar Reeves e já lho dissera.

— Claro, claro — disse Reeves. Estava sentado num dos cadeirões de seda amarela, o corpo esguio dobrado para a frente, as mãos cruzadas entre os joelhos. Tinha uma cara ossuda, cabelo castanho-claro curto, olhos cinzentos e frios — não era uma cara agradável, mas seria uma cara bastante atraente se não fosse uma cicatriz duns doze centímetros que começava na têmpora direita e lhe atravessava a face quase até à boca. Um pouco mais cor-de-rosa do que o resto da cara, a cicatriz parecia ser resultado de uma costura mal feita, ou de um ferimento que nunca fora cosido. Tom nunca fizera perguntas acerca da cicatriz, mas uma vez Reeves contara espontaneamente: «Foi uma rapariga que me fez isto com uma caixa de pó de arroz. Consegues imaginar uma coisa assim?» (Não, Tom não conseguia.) Reeves fizera um sorriso breve e triste para Tom, um dos poucos sorrisos que Tom se lembrava de lhe ter visto. E numa outra altura: «Caí dum cavalo e fui arrastado pelo estribo alguns metros.» Fora a outra pessoa que Reeves dissera isso mas Tom estava presente. Tom inclinava-se mais para uma faca embotada e uma briga muito sórdida algures.

Agora Reeves queria que Tom arranjasse alguém, sugerisse alguém, para se encarregar de um ou talvez dois «homicídios simples» e talvez um roubo, seguro e simples também. Reeves viera de Hamburgo a Villeperce para falar com Tom: passaria ali a noite e no dia seguinte iria para Paris para falar do assunto com outra pessoa, voltando depois para a sua casa em Hamburgo, provavelmente para pensar um pouco mais, caso não fosse bem-sucedido. Reeves era essencialmente um recetador, mas ultimamente, introduzira-se no mundo do jogo ilegal de Hamburgo e comprometera-se a protegê-lo. A protegê-lo de quê? Dos tubarões italianos que nele queriam entrar. Havia um italiano em Hamburgo que era um homem de mão da Máfia e outro fora enviado como batedor, pensava Reeves, e o outro talvez o fosse, de uma família diferente. Eliminando um desses intrusos, ou os dois, Reeves esperava dissuadir a Máfia de novas tentativas e, também, chamar a atenção da polícia de Hamburgo para a possível ameaça da Máfia, deixando-a ocupar-se do resto ou, por outras palavras, levá-la a correr com a Máfia.

— Estes tipos de Hamburgo são malta decente — declarava Reeves com convicção. — Talvez aquilo que fazem seja ilegal, exploram dois casinos privados, mas como clubes não são ilegais, e não estão a ter um lucro escandaloso. Não é como Las Vegas, *tudo* corrompido pela Máfia, e mesmo debaixo do nariz da polícia americana!

Tom pegou no atizador e ajeitou o fogo, pondo na lareira outra acha esmeradamente cortada. Eram quase seis horas. Daí a pouco tempo seria altura de tomarem uma bebida. E porque não agora?

— Queres...

Mme. Annette, governanta dos Ripleys, entrou precisamente nesse momento, vinda da cozinha.

— Com licença, *messieurs*. Querem uma bebida agora, M. Tome, já que o senhor não quis tomar chá?

— Sim, obrigado, Mme. Annette. Estava mesmo a pensar nisso. E diga à Mme. Héloïse que venha tomar uma bebida connosco, se faz favor. — Tom queria que Héloïse aliviasse um pouco a atmosfera. Dissera a Héloïse, antes de ir a Orly às três horas buscar Reeves, que este lhe queria falar de uma coisa qualquer, por isso Héloïse entretivera-se no jardim ou então ficara lá em cima toda a tarde.

— Não te parece — disse Reeves com uma premência e esperança de última hora — que te podias ocupar do assunto? Não tens ligações, sabes, e é isso que nós queremos. Segurança. E, afinal, o dinheiro, noventa e seis mil dólares, não é mau.

Tom abanou a cabeça. — Tenho ligações *contigo...* de certa maneira. — Bolas, já fizera alguns trabalhos sem grande importância para Reeves Minot, como transportar pequenos artigos roubados, ou recuperá-los de tubos de pasta de dentes, onde Reeves os escondera, objetos minúsculos como rolos de microfilme, sem que as pessoas que os levavam suspeitassem de alguma coisa. — Até quando é que achas que eu vou escapar impunemente destas aventuras clandestinas? Tenho de proteger a minha reputação, sabes? — Tom sentiu vontade de sorrir do que dissera, mas ao mesmo tempo o seu coração começara a bater mais depressa com uma emoção genuína, e sentiu-se crescer, consciente da casa magnífica em que vivia, da existência segura que levava agora, seis meses depois do caso Derwatt, que por pouco não redundara em catástrofe e de que escapara sem nada mais grave do que uma leve suspeita. Uma situação delicada, sim, mas não passara disso. Tom acompanhara o inspetor inglês Webster e dois peritos ao bosque de Salzburgo onde tinha cremado o corpo do homem que se presumia ser o pintor Derwatt. Por que razão lhe tinha ele esmagado o crânio?, perguntara a polícia. Tom ainda se arrepiava quando pensava nisso, porque o fizera para tentar espalhar e esconder os dentes superiores. O maxilar inferior soltara-se com facilidade, e Tom enterrara-o longe. Mas os dentes superiores... Alguns tinham sido apanhados pelos peritos, mas não havia qualquer registo dos dentes de Derwatt em nenhum dentista de Londres, já que Derwatt estivera a viver (pensava-se) no México nos seis anos precedentes. «Pareceu-me fazer parte da cremação a ideia de o reduzir a cinzas», respondera Tom. O corpo cremado era de Bernard. Sim, Tom ainda se arrepiava, quer ao pensar no perigo do momento, quer perante o horror do seu gesto — deixar cair um pedregulho em cima do crânio carbonizado. Mas pelo menos não matara Bernard. Bernard Tufts tinha-se suicidado.

Tom disse: — Mas com certeza que consegues arranjar alguém que o possa fazer entre as pessoas todas que conheces.

— Sim, e isso seria uma ligação... mais do que no teu caso. As pessoas que eu conheço são mais ou menos conhecidas — disse Reeves num tom triste de derrota. — Tu conheces uma quantidade de gente respeitável, Tom, pessoas acima de qualquer suspeita, que não podem ser acusadas de nada.

Tom riu-se. — Como é que achas que vais conseguir *arranjar* pessoas dessas? Às vezes penso que és completamente louco, Reeves.

— Não! Sabes o que eu quero dizer. Uma pessoa que o fizesse apenas pelo dinheiro, só pelo dinheiro. Não precisam de ser peritos. Nós preparávamos tudo. Seriam uma espécie de... assassinatos públicos. Uma pessoa que a tornar-se suspeita, pareceria... absolutamente incapaz de fazer uma coisa daquelas.

Mme. Annette entrou com o carrinho do bar. O balde de gelo prateado brilhava. O carrinho chiava ligeiramente. Há semanas que Tom tencionava oleá-lo. Tom poderia ter continuado a fazer chacota de Reeves porque Mme. Annette, graças a Deus, não percebia inglês, mas estava farto do assunto e ficou encantado com a interrupção que ela proporcionou. Mme. Annette estava na casa dos sessenta, vinha de uma família da Normandia, tinha traços delicados e uma figura robusta, e era uma excelente empregada. Tom não conseguia imaginar Belle Ombre a funcionar sem ela.

Em seguida entrou Héloïse, vindo do jardim, e Reeves levantou-se. Héloïse trazia umas jardineiras com calças à boca de sino, às riscas cor-de-rosa e vermelhas, com a palavra LEVI estampada na vertical em todas as riscas. O seu cabelo loiro baloiçava, longo e solto. Tom viu a luz da lareira iluminá-lo e pensou: «Que pureza, em comparação com aquilo de que temos estado a falar!» No entanto, a luz que brilhava no cabelo dela era dourada, o que fez Tom pensar em dinheiro. Bem, na verdade não precisava de mais dinheiro, mesmo que as vendas dos quadros de Derwatt, de que recebia uma percentagem, viessem a acabar dentro de pouco tempo por não haver mais quadros. Tom continuava a receber uma comissão da firma de artigos de pintura Derwatt, e essa manter-se-ia. Depois havia o rendimento modesto, que, no entanto, aumentava lentamente, dos títulos Greenleaf que herdara graças a um testamento que ele próprio falsificara. Para não falar da pensão

generosa que Héloïse recebia do pai. Não valia a pena ser ganancioso. Tom odiava homicídios a não ser que fossem absolutamente indispensáveis.

— Conversaram muito? — perguntou Héloïse em inglês, deixando-se cair graciosamente no sofá amarelo.

— Conversámos, sim, obrigado — disse Reeves.

O resto da conversa desenrolou-se em francês, porque Héloïse não se sentia à vontade em inglês. Reeves não sabia muito francês mas lá se conseguia arranjar, porque não estavam a falar de nada de importante: do jardim e do inverno ameno que parecia de facto ter acabado, porque já estavam em princípios de março e os narcisos começavam a florir. Tom serviu champanhe a Héloïse de uma das garrafas pequenas que estavam em cima do carrinho.

— Como está o tempo em Hambourg? — arriscou novamente Héloïse em inglês, e Tom viu o seu olhar divertido enquanto Reeves se debatia para dar uma resposta convencional em francês.

Também não estava muito frio em Hamburgo, e Reeves acrescentou que também tinha um jardim, pois a sua *petite maison* ficava nas margens do Alster ou, por outras palavras, numa espécie de baía onde muitas pessoas tinham casas com jardins e água, o que significava que podiam ter barcos pequenos se quisessem.

Tom sabia que Héloïse não gostava de Reeves Minot, nem tinha confiança nele, e que Reeves era o tipo de pessoa que Héloïse queria que Tom evitasse. Pensou com satisfação que essa noite poderia dizer-lhe honestamente que se tinha recusado a colaborar no plano que Reeves lhe propusera. Héloïse estava sempre preocupada com aquilo que o seu pai poderia dizer. O pai, Jacques Plisson, era um fabricante de produtos farmacêuticos milionário, um gaullista, a essência da respeitabilidade francesa. E nunca gostara de Tom. «O meu pai não está disposto a aturar muito mais!», advertia Héloïse frequentemente. Mas Tom sabia que ela estava mais interessada na sua segurança do que em continuar a receber a pensão que o seu pai lhe dava, e que ameaçava frequentemente suspender, segundo dizia Héloïse. Esta costumava ir almoçar a casa dos pais em Chantilly uma vez por semana, normalmente à sexta-feira. Tom sabia que, se o pai dela cortasse a pensão, não seriam capazes de sobreviver em Belle Ombre.